

“Não fiquem quietos e tenham coragem”



Francisco beijando os pés de uma criança com HIV

A eleição do Cardeal Bergoglio como novo papa com o nome de Francisco, deverá ter um novo impulso missionário em todo o mundo, invocando São Francisco de Assis para a renovação da Igreja e São Francisco Xavier, para um novo ardor missionário. As Missões terão um carinho especial de Dom Bergoglio, que disse, em 2009, aos Recoletos argentinos: “não fiquem quietos e tenham coragem de anunciar o Cristo”.
(pág. 3)

Filipinas: missão brasileira
da Congregação dos Orionitas
(pág.8)

Experiência missionária em
Rondônia com 60 participantes
(pág. 10)

Religiosa relata vida difícil
num orfanato moçambicano
(pág. 8)



Ir. Neli atendendo bebê no orfanato

Prá começo de conversa

O mundo missionário está vibrando com a escolha do novo Papa, de nome Francisco.

Suas primeiras manifestações foram de alento e coragem a todos os que trabalham para a efetivação do Reino. Três foram as principais palavras do Papa: caminhar, edificar e confessar. Este é o trabalho do missionário: caminhar sempre para frente, edificar o Reino e confessar o Cristo. Aqui está sintetizado todo o trabalho dos nossos missionários, que deixam a terra, como Abraão, lutam para edificar a Igreja e confessam diariamente seu amor por Cristo.

Belo exemplo destes testemunhas!
O editor.

GUINÉ BISSAU

Obrigada! O jornal está muito bonito....
Um abraço. Um dia vai chegar as nossas notícias.

Ir. Solange

Mantanhas de Guine Bissau.

FILIPINAS

DEUS SÓ!

Prezado editor!

Espero que esteja bem. Sou Ir. Alice Garcia de Moraes, Apóstola do Sagrado Coração, atualmente missionária em Masbate, uma das Ilhas em Filipinas.

Por aqui, não conseguimos abrir o seu SITE, portanto, não dá para ler o seu Jornal.

Cumprimento-o pelo trabalho que realiza, sendo elo entre os missionários em todo este mundo de Deus.

Desejando-lhe Feliz Pascoa, despeço-me com orações e um grande abraço.

Ir. Alice, ascj

BRASIL

Obrigada, pelo jornal on line! Através dele entramos em sintonia com ações missionárias em várias partes do mundo!

Abraços,

Ir. Paré Moreira, rscm

CAXIAS DO SUL

Amigos,

Mensalmente, edito o informativo da diocese de Caxias do Sul, **Diocese em Comunicação** e como tal, vi que o vosso informativo poderia ser uma fonte de referência. Como posso recebê-lo eletronicamente? Qual o custo? Fico no aguardo. Desde já agradeço a atenção.

Um abraço,

Ivo Adamatti

Rua Angelo Michelin, 31

95041 050 – Caxias do Sul, RS

GUINÉ BISSAU

Por meio deste, te agradeço imensamente pelas edições do jornal 'Parceiros das Missões' que me enviaste, desde o primeiro número. Pode acompanhar, não só muitas experiências de brasileiros no exterior, mas também teu trabalho aí na 'retaguarda', fazendo-nos mais inteirados de tantas realidades. Estou encerrando minha missão aqui na Guiné Bissau, pelo menos por enquanto, pois tenho um contrato com o PIME, que encerra neste mês de abril. Retorno ao Brasil no início de abril e devo continuar minha missão na Arquidiocese de Diamantina-MG. Pretendo animar um pouco minha diocese neste sentido, e espero poder participar de alguma formação nesta área; assim na hipótese de ir até Brasília, te farei uma visita. Continuarei acompanhando teu trabalho, pois o vejo de grande valor para a Igreja do Brasil e para aqueles que estão na linha de frente. Obrigado e que Deus abençoe sempre tua missão. Um abraço com o desejo de uma boa continuação deste tempo que nos leva ao tempo maior (Páscoa)! Pe. Maurílio Vaz da Silva-Arquidiocese de Diamantina-MG Associado ao PIME Missão Católica de Catió-Guiné-Bissau-África Ocidental.

COSTA DO MARFIM

Olá senhor editor, não sei quem é você, mas eu agradeço pelo envio da mensagem. Neste momento eu me encontro no Brasil. Deixei a Costa do Marfim por motivo de saúde, não estou bem e a cura vai ser longa. Então, por este ano ficarei por aqui. Estamos em comunhão de orações e que o Deus da Vida nos ajude sempre abraços, Joana.

FILIPINAS

Me desculpe mas só agora estou em Manila....

Estive seis meses no Sul do país onde não temos internet... mas vou preparar um artigo logo, logo para vos mandar. Obrigada por quanto fazem por nós e pela nossa Missão.

Com carinho. Ir. Lázara de Melo Siqueira

Caminhar, edificar, confessar!

A eleição do Papa Francisco tem um profundo significado missionário. Em suas mensagens iniciais, parecia que ele estava falando para os missionários espalhados por todo o mundo, tal a profundidade de suas palavras. Devemos nos perguntar: o que o Espírito Santo quer dar a entender com este novo estilo do Papa?

Um Papa que veio do Hemisfério Sul “quase no fim do mundo” - como ele disse, tem muito a ver com o espírito de missionariedade. É um papa vindo de uma América Latina que ainda está em estado de Missão, inclusive na Argentina. Por isso é um papa vindo de terras missioneiras. Isto vem comprovar a afirmação de que o “Espírito Santo sopra onde quer, os planos de Deus rompem fronteiras, unem os corações e superam nossos projetos”.

Outro detalhe importante foi sua mensagem aos cardeais, depois de ser eleito papa. No comentário da missa do dia, a primeira leitura, o movimento é o caminho; na segunda leitura, o movimento está na edificação da Igreja; e no evangelho, o movimento se encontra na confissão. Tais reflexões nos levam à vida dos nossos missionários. Tal como Abraão, nossos missionários caminharam. Deixaram seu torrão natal, suas cidades, seus amigos, sua congregação e voaram rumo às Missões. “Nossa vida é um caminho- disse o Papa. Quando paramos alguma coisa está errada. Caminhar sempre na presença do Senhor”. Depois, Francisco prosseguiu com o edificar: “Edificar a Igreja, fala-se de pedras. As pedras têm consistência, mas pedras vivas, pedras unidas pelo Espírito Santo”. Quem mais do que os missionários que está edificando a Igreja em terras de Missão? E termina o papa com sua palavra aos cardeais: “Não podemos caminhar como



queremos, mas se não confessamos o Cristo algo está errado. Tornamo-nos uma ONG piedosa, mas não a Igreja esposa do Senhor”.

E o que fazem nossos missionários, senão **ca-minhar** na presença do Senhor, **edificar** uma Igreja em situações as mais difíceis, arriscando, muitas vezes, a vida, como acontece todos os dias e não raramente morrendo por Cristo. E por fim, **confessar** diariamente o Cristo razão de toda a doação permanente.

Que os nossos mais de 1500 missionários brasileiros que estão no exterior e na Amazônia, sintam-se animados pela fé, pelo humilde Pastor, jesuíta, seguidor dos passos de São Francisco de Assis e de São Francisco Xavier, convictos de que um novo vento que veio do Hemisfério Sul soprará fortemente nas cidades e nas aldeias de todos os continentes, onde brasileiros e brasileiras estão levando a mensagem evangélica.

Camilo Simon - editor do Parceiros das Missões

Um Papa missionário

Surpresa e muita esperança. É isto que escutamos das pessoas em todas as partes do mundo. Em seu primeiro pedido, que orassem por ele, o Papa Francisco, já manifesta um novo estilo. Mudança de atitude, que expressa humildade e total disponibilidade perante a Igreja. Nas suas palavras e gestos, percebemos o espírito missionário. Expressou que católicos ou não, todos são filhos de Deus, por isto tem a sua benção.

Desde a escolha do nome, em referência ao Santo dos pobres, tem mostrado que os mais necessitados, devem ter nossa atenção. “Como eu gostaria de ter uma Igreja pobre para os pobres”. Desapego, simplicidade, serviço, perdão, amor aos pequenos, todos são sinais que se identificam com a missão de Jesus Cristo. Por isto, nossa grande esperança por termos um Papa missionário.

Pe. Camilo Pauletti
diretor das POM Brasil



Pe. Camilo

A difícil vida missionária num orfanato no interior de Moçambique

De todos os estados brasileiros, partem novas missionárias para as Missões na África. O chamado divino para a evangelização de todos os povos também soou no coração da então estudante, Neli da Costa Santos, da cidade de Jarú, em Rondônia.

Inflamada pelo ardor missionário, Neli iniciou sua missão na pastoral paroquial. Desde pequena sentia a necessidade de doar-se para os outros através da catequese, da pastoral da juventude, da visita aos habitantes da periferia de sua cidade. Logo, sentiu que Deus a chamava para uma doação total de sua vida. Decidiu, então, entrar na Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição. Anos depois, foi convidada para assumir uma missão em Moçambique, num lugarejo, distante 50 km da Capital, Maputo.

“Em minha vida vejo tudo como uma graça de Deus. Meu trabalho é uma constante doação e ali a gente vai mais aprendendo do que ensinando. São anos de bênçãos para todos nós”- afirma Ir. Neli, depois de passar uns dias em sua cidade natal, Jarú, onde celebrou os votos perpétuos, depois de 13 anos na vida da Congregação. “Foram 45 dias de preparação, de oração para tomar uma decisão para sempre”.

Ir. Neli trabalha na comunidade moçambicana São Roque, uma paróquia dirigida por religiosos. Sua ação concentra-se no interior desta comunidade, distante 5 km, numa creche e no orfanato. São 50 crianças que foram deixadas no orfanato, totalmente dependentes do trabalho e dedicação de três irmãs religiosas brasileiras. Ali, além da atividade diária, dedicam-se à pastoral da saúde, à educação e à



juventude. “Estamos numa comunidade, onde a maioria é muçulmana, mas mantemos boas relações com todos. Nossa maior dificuldade ainda é a língua, pois os mais idosos somente falam o dialeto conga. Já em relação às crianças, temos mais facilidade, pois uma vez que o português é a língua obrigatória nas escolas. A vida no orfanato é dura, pois a educação de crianças, dos 6 aos 14 anos é muito difícil, já que faltam recursos humanos. Além disso, há o sustento da casa, que é compartilhado na horta e na criação de algumas vacas para o leite das crianças. Temos muitas limitações, pois a mão de obra para o trabalho com crianças é muita escassa. Não temos subvenção do governo e somos totalmente sustentadas por leigos de uma paróquia da Espanha, que enviam, mensalmente, sua contribuição. Tais leigos realizam encontros, jantares e eventos como passeios ciclísticos, nos quais arrecadam dinheiro para a obra do orfanato. De vez em quando, esses benfeitores visitam a comunidade e certificam-se das maiores necessidades.

Outra provação é não sentir resultados no trabalho evangelizador. Como a maioria é muçulmana, os frutos do trabalho missionário não aparecem. “Nossa metodologia está centrada no exemplo que deve ser dado, no dia a dia, em meio às crianças e adultos da comunidade. Semeamos a bondade e o amor e um dia os frutos aparecerão. Mas sabemos que o Senhor não nos abandona e seguimos em frente, fazendo o que nossas forças suportam”.

Concluiu Ir. Neli dizendo que somente por Cristo e sua Igreja tudo é feito na Missão. E sente-se feliz e realizada com o que faz, sabendo que na retaguarda, milhares de pessoas rezam e se preocupam com esta parcela de comunidade missionária, mesmo sendo um pontinho da unidade de toda a Igreja.



Missionárias no Peru prestigiam Dia Internacional da Mulher

O Vicariato Apostólico de Puyo, no Peru celebrou o Dia Internacional da Mulher com uma Jornada Festiva. Segundo informou a missionária brasileira Ir. Joelma Gomes de Meneses, o evento reuniu grupos de Promoção Social, no Centro Pastoral de Intipungo, com a presença de mais de uma centena de mulheres.

A ação missionária no Vicariato Apostólico de Puyo é muito intensa e as missionárias brasileiras estão na liderança das atividades. Houve uma oficina formativa cujo tema foi “A história da Fé das mulheres na Bíblia e a Vida”. Os facilitadores Roberto Constante e Silvia Moya coordenaram os trabalhos, dando testemunho da mulher cristã no dia a dia. Durante a Jornada houve uma grande participação de mulheres, vindas das distintas zonas pastorais que vivenciaram belos exemplos de vida, comparando com os exemplos bíblicos.

A missa foi presidida pelo bispo Dom Rafael Cob. Em sua homilia felicitou a mulher no seu Dia e destacou o papel da mulher na sociedade e na Igreja hoje e animou todas as mulheres a seguirem dando exemplo de fé, neste tempo da quaresma, que é o tempo de conversão.

Ir. Joelma revelou que no mês de março foram realizados outros eventos, dentro da Pastoral Social- Caritas, destacando-se a Semana Social que ocorreu de 3 a 10 de março



passado, com o slogan “A fé sem obras é morta”. Também foi realizado um fórum sobre “Gênero, Justiça e Equidade”, na Casa de Cultura de Puyo.



Venezuela prepara Congresso Missionário

No sábado, 2 de março, na escola Mater Salvatoris, em Maracaibo, Venezuela, foi realizada a reunião das diversas comissões que trabalham para realizar o 4º Congresso Missionários Americano e 9º Congresso Missionário Latino-Americano (CAM 4 - Comla 9).

A finalidade da reunião foi discutir com todas as áreas responsáveis pela organização do evento estratégias para estabelecer a comunicação direta entre as diferentes comissões, otimizando o trabalho que está sendo feito através de todos esses meses, até o último dia do Congresso.

Durante o encontro foram formados comitês para apontar metas, objetivos, realizações e projetos e depois compartilhar os recursos entre o presentes e estabelecer canais para realizá-los. A reu-

não foi proveitosa para atualizações de todos os participantes e coordenadores do evento.

Os participantes puderam ainda compartilhar experiências; houve apresentações de cada comissão, o que permitiu comunicar as decisões importantes a respeito: liturgia, logística, voluntários, mídia e secretário regional. Cada comissão iniciou seus trabalhos para atingir os seus projetos a serem realizados nos próximos meses.

Depois de uma tarde de trabalho, a reunião terminou com o objetivo de celebrar este grande evento que a Igreja Católica da Venezuela acolhe. A expectativa é que o evento que acontecerá em Maracaibo, de 26 de novembro a 1º de dezembro, reúna cerca de 4 mil missionários do continente americano. Do Brasil devem participar 150 delegados

Solidariedade vivida: vida partilhada!

Na madrugada do dia 2 de janeiro, quatro jovens do Brasil partiram para viver o impulso missionário no Paraguai, em comunidades campesinas juntos aos moradores da cidade de Quyquyhó. Guilherme Cavalli, representando a Juventude Missionária (JM) do estado do Rio Grande do Sul, João Guilherme de Mello, do estado do Paraná, Wesley Araujo, do Mato Grosso do Sul, e Marcelo Bleme, de Minas Gerais, fizeram parte da equipe missionária da JM do Brasil (POM). Eis aqui a reflexão do missionário Guilherme Cavalli.

Por que uma missão no Paraguai?

Como despertou esse desejo de partir? Por que nos dispomos a esse trabalho? Na esperança de cumprir o mandato de Jesus Cristo e se fazer servidor, buscamos distanciar-nos para, com a amplitude das situações, na máxima gratuidade, nos compreender como sujeitos de nossa própria evangelização; como cristãos atuantes com direitos e deveres; como Jovem Missionário comprometido em estar perto daqueles que estão longe; como indivíduos que, nas suas circunstâncias, buscam discernir sua vocação, e cumprir a primeira, ou seja, cultivar e proteger a vida.

No contato com outras culturas, buscamos entender o valor das diversas tradições, do respeito pelo que se vem cultuando, e nessas vivências procuramos desvelar partes constituintes da diversidade da Igreja Católica, inserida nas múltiplas faces da América Latina.

Deixar as pompas, o luxo ou mesmo a rotina, e em constante procura, correr atrás da essência que move comunidades hoje, moveu ontem e moverá amanhã. Despojar-se de preconceitos, transbordar felicidade por estar presente, compartilhar sorrisos, ouvir, quebrar o egocentrismo moderno, abrir-se ao outro que também é eu, deixar tudo mesmo que seja por dias -, ser feliz fazendo o outro feliz. Foi a isso que nos dispomos.

Força da missão

Mas por quem partimos? Compreender que a força da missão não caracteriza-se como força individual é o primeiro mandato do missionário. Estamos seguindo o mandato de Jesus Cristo: Mt "Ide por todo universo anuncia a boa nova a toda criatura..."; At 1 "Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Samaria e até os confins da terra", quando pediu que nos fizessemos presente em todos os lugares, de que anunciássemos sua Boa Nova aos povos, as nações, e principalmente a aqueles que estão longe, que são oprimidos, que permanecem sendo marginalizados. Foram esses, que fo-



Os quatro jovens missionários

ram e devem continuar sendo os primeiros destinatários da mensagem de Jesus, pois ela se constrói especialmente neles. Jesus Cristo, com seu testemunho que o levou a Cruz e a Ressurreição, inaugurou no meio de nós o Reino de Vida, e é a plenitude desse que buscamos atingir ao partirmos como humildes missionários do Pai, buscando construir realidades onde não haverá nem morte, nem luto, nem pranto, nem dor" (Documento de Aparecida, 143,). Foi por Ele e por todos os Jovens Missionários que partimos. O Documento de Aparecida caracteriza esse ser enviado do qual nos dispomos: comunicar todas as partes, transbordando de gratidão e alegria o dom do encontro com Jesus Cristo.

A pertinência da pergunta que faz refletir onde estamos depositando a força da nossa Jovialidade nos fez compreender que Missionariedade, a força que envia, força daquele que é enviado, não é própria de si, mas uma força que lhe é dada por aqueles que contribuem para que esse trabalho se realize, por Deus Amor que chama instrumentos para agir em prol de seu Reino. Logo, o primeiro e principal agente da missão é a atuação do Espírito Santo que age sobre o cristão.

O rosto de Cristo

Podemos perfeitamente entender e apresentar o rosto de Cristo nas diversas experiências que tivemos: nas dificuldades que encontramos e que eram vencidas na bravura de um povo que luta, na alegria do singelo sorriso, na luz dos puros olhares,

nas lágrimas que escorriam nos rostos enrugados das solitárias avós, nas mãos calejadas dos humildes agricultores, na criança que corria abrir os portões para a chegada do missionário, na cultura do compartilhar que une 140 famílias em prol do comunitário, no dividir do sorvete que é servido em um único recipiente, na teologia do tererê que, passando de mão em mão, forma comunidade.

Vida compartilhada

Inevitável é não procurarmos a felicidade pessoal. Mais fora de lógica é não buscarmos a realização. O que mais me impressiona nessa luta, por vezes desumana, é que, na gana de vencer-mos, pensamos poder avizinhar-se desta felicidade - sozinhos, em um monólogo de glória. Quase nunca entendemos que a estrela só é constelação na união, ou que o grão de areia só é praia no somar de partículas mínimas. A vida, em todos os seus sentidos e gêneros, precisa ser compartilhada, contada e recontada, até mesmo reinventada. Para tanto, existe apenas uma exigência: o diálogo entre bocas que falam e ouvidos que escutam deve se dar como íntima relação de alteridade. Como nos darmos conta disso? Conhecer o outro, a nova cultura, determinados costumes, exige abertura. A missão é doar-se, é ação kenótica (esvaziamento da vontade própria e aceitação do desejo de Cristo),



"É urgentemente necessário que surja uma nova geração de apóstolos que estejam enraizados na Palavra de Cristo, em condição de dar uma resposta aos desafios do nosso tempo e preparados para anunciar o Evangelho em toda a parte". Bento XVI Na foto, Padre Walter, diretor OMP do Paraguai, Yanet, missionária mexicana, Dario, missionário paraguaio, e Guilherme, missionário brasileiro.



É preciso anunciar a Boa Nova aos que estão longe, aos oprimidos e marginalizados.

mais do que qualquer outra atitude. Dispor-se à novidade, ser ouvido que acolhe mais do que boca que professa. E assim posso realizar-me? Perguntou-se o inquieto. A vida é missão, então no passar do tempo necessário, respondeu que sozinho nada seríamos. Que na relação com o que se encontra distante, romperíamos cercas; que no distanciar do cotidiano, o notaríamos; que no romper do auterego, nos descobriríamos; mas acima de tudo, que no ato de professarmos nossa fé no Deus da vida que se encontra no olhar daquele que mais necessita, daríamos sentido a nossa caminhada.

Assim, no amor aos povos, gritamos a exigência de que se respeite a diversidade, de que a vida seja a principal escolha, de que o gemido daquele que morre na margem da sociedade se transforme através do nosso ato de compaixão, em música daqueles que lançam malabares nos sinais, dos ocupantes de sarjetas, dos catadores de papéis, enfim, de todos os sujeitos, diante dos quais somos indiferentes. Todos em uma só roda, a liberdade cantará a utopia de um mundo justo e solidário. Então, mais fortemente nessa experiência, compreendemos que a vida se completa na entrega, na troca, no dividir, no escutar: na Missão.

*Guilherme Cavalli é coordenador da Juventude Missionária no RS

Missão brasileira orionita nas Filipinas

Os padres orionistas do Brasil tem uma missão nas Filipinas. Atualmente o missionário Pe. Anderson Monteiro de Rezende, mineiro, está em Roma, em curso de extensão, mas trabalha nas Filipinas, há nove anos. Ele concedeu esta entrevista ao colega Pe. Osvaldir Ribeiro, que aqui reproduzimos, resumidamente:

Qual sua trajetória até o sacerdócio?

PE. ANDERSON. Entrei no Instituto Dom Carlos Sterpi, em Belo Horizonte, em 1995. Desde muito pequeno já tinha o desejo de ser padre. Esse desejo não era ainda claro, mas foi se esclarecendo através da oração diária do terço em família e da participação da missa dominical, no qual com sol ou com chuva, a nossa mãe nos “obrigava a ir”. Quando tinha 11 anos me tornei um coroinha e daí em diante foi ficando claro que eu queria ser um padre. No ano de 1993 o Pe. Jose Martins, que era então o diretor vocacional foi visitar um vocacionado em Abreus e passou na nossa casa. Ai conheci a Congregação de Dom



Orione. Neste momento em diante, não via a hora de terminar a oitava série pra entrar no seminário. Quando entrei, foram muitas as dificuldades, mas maiores foram as

alegrias. Estudei em Belo Horizonte, Brasília, Inglaterra e Filipinas. Cursei Filosofia em Belo Horizonte de 2001 a 2003 e Teologia nas Filipinas, de 2004 a 2008.

Nesses nove anos nas Filipinas, o que destacaria como uma experiência de Deus?

PE. ANDERSON - As Filipinas foram um presente de Deus para mim. Quando fui pra Inglaterra, o superior geral me disse dois anos lá e depois, como padre, voltar pra missão. No entanto, depois de meu primeiro ano de tirocínio, recebi uma mensagem que dizia que deveria ir pra Filipinas. Cheguei nas Filipinas no dia do meu aniversário. Comecei a trabalhar no Pequeno Cotolengo Filipino. Levantava bem cedo, dava banho nas crianças, alimentava, trocava fralda, colocava para dormir; esta foi a primeira experiência concreta de Deus na vivência do carisma de São Luis Orione. Uma segunda experiência refere-se a pastoral na Paróquia de Payatas. Apesar de ser uma simples experiência nos dias de domingo, isso me tocava muito, pois o povo era muito pobre, mas muito acolhedor.

Como formador de jovens e adultos, quais desafios que você enfrenta? Os jovens

hoje têm que anseios e expectativas com relação à Igreja?



PE. ANDERSON. O processo formativo nas Filipinas e um pouco diferente do Brasil. Nós aceitamos os candidatos depois de terem terminado o ensino médio. E como o ensino médio nas Filipinas termina quando eles completam 16 anos, eles ainda são muito jovens. O desafio que enfrentamos é a questão familiar. A família, no contexto filipino, é muito im-

portante. Tudo que se faz é em prol da família. E a família tem de permitir que o jovem possa entrar no seminário. O segundo desafio é encorajá-los a continuar, mostrando-lhes a beleza da Vida Religiosa e os desafios que ela oferece. Eles esperam uma Igreja que seja mãe e acolhedora, não uma instituição encimentada e autoritária, que só manda e os demais obedecem. É isso que tentamos mostrar, que a Igreja é acima de tudo uma mãe, apesar dos pesares.

E com relação à formação religiosa?

PE. ANDERSON. O que move o mundo é mudança. Tudo muda, se transforma e evolui. A vida Religiosa também evolui e com ela o processo formativo. Hoje é um pouco mais difícil ser formador que nos tempos de São Luis Orione, Por quê? Porque naquele tempo o formador falava e os seminaristas abaixavam a cabeça e obedeciam. Hoje não. Hoje tem que haver diálogo, saber ouvir, acolher a experiência do outro. Um segundo desafio para a formação é a tecnologia. Como formar um seminarista que está exposto a todo tipo de informação? Como mostrar a eles o que é certo e o que não é? Esta é nossa tarefa. Formar pessoas capazes de distinguir. Além do mais, a formação religiosa hoje tem de ser atrelada a formação psicológica. Tem de haver acompanhamento psicológico dos seminaristas para que eles possam amadurecer e procurar compreender a clareza e a razão do CHAMADO.

Sua mensagem final aos amigos?

PE. ANDERSON - Todos somos vocacionados. A Congregação vai sobreviver se tivermos pessoas nos seminários, mas, pessoas que desejam servir a Deus através do exemplo de São Luis Orione. Portanto, em nosso trabalho, ajudemos os formadores dos seminários. Façamos um esforço para que tenhamos mais seminaristas. Não digamos isto é problema do formador, ele é quem deve arranjar vocações. O que aprendi nas Filipinas é que a cooperação mútua é muito importante. Hoje o nosso seminário tem 41 seminaristas e no próximo ano 60. Isto é resultado e muito esforço de todos os membros das comunidades. A todos Ave Maria e avante. Rezem por mim...

No Equador, missionárias implantando a Caritas paroquial



O Equador é um país missionário. A presença brasileira é muito marcante e são mais de 100 os missionários e missionárias. Aqui Ir. Joelma Gomes relata sua experiência na área social, num trabalho com a Caritas

De março a novembro de 2012, em Quito, participamos da EDIFICA (Escola Diocesana de Formação Integral Cáritas). A promoção foi em nível nacional, mas se chama diocesana porque participamos com o compromisso de multiplicar os conhecimentos adquiridos em nossa jurisdição eclesial. Assim em dezembro iniciamos o 1º módulo, que o dividimos em três etapas, de acordo com o ritmo e disponibilidade dos grupos. O nosso primeiro público alvo do Vicariato está sendo os grupos de Caritas Paroquiais. O primeiro módulo é autoconhecimento e identidade cristã. Depois de uma

pausa, retomamos em fevereiro e já estamos trabalhando em sete paróquias e temos o desafio de ampliar para quase todos os grupos que pertencem a Pastoral Social, em todas as paróquias. Sentimo-nos felizes com os resultados, pois é um momento forte de conhecimento, confronto pessoal através de uma profunda terapia grupal e, sobretudo, tendo a fé como suporte para a história pessoal e grupal. É motivador sentir a abertura de cada grupo, de cada pessoa, escutar tantos testemunhos de coragem, de superação de tantos sofrimentos, sentir a solidariedade e acolhida do grupo; sentir que esta formação, esta metodologia que adotamos está chegando ao coração de cada membro dos grupos de solidariedade. Podemos definir esta Escola como aprendizagem de formar grupo nesta dimensão mais profunda, é provocar a relação de pessoa a pessoa, é sentir a necessidade da escuta,



do respeito pela vida e história do outro/a, é fazer a experiência de uma cura saudável, sem fanatismo, nem idolatrias. Cremos e queremos apostar nesta proposta formativa que leva ao amor e, que a partir desta, os grupos ficarão mais fortalecidos e poderão prestar um serviço com maior consciência e fundamentados no amor de Cristo. Este processo formativo tem mais ou menos a duração de um ano, de acordo com o ritmo de cada comunidade, começa do pessoal até chegar à dimensão mais ampla social e política. Atualmente contamos com apenas duas religiosas nesta equipe formativa (Maria Casigña, agente social e eu), mas temos esperança de ampliá-la, já que serão enviadas mais duas este ano para a EDIFICA nacional de 2013.

Ir. Joelma Gomes.



Porto Velho realiza experiência missionária com 60 participantes

Do dia 27 de dezembro a 22 de janeiro, o seminarista gaúcho, Luiz Eduardo Dias Lima, de 26 anos, da cidade de Butiá, teve a oportunidade de participar da 1ª experiência missionária em Porto Velho/Rondônia, juntamente com o seu colega Tiago Ávila Camargo e mais 60 missionários de onze Estados do Brasil. Seu testemunho convida os mais jovens a se dedicarem às Missões:

“Acredito que é muito desafiador traduzir em palavras tudo o que vivi nesta grande experiência de Amor, uma vez que as palavras são insuficientes para expressar com profundidade o que o meu coração pode experimentar.

Ao longo desses 26 dias de missão, aprendi como o dom da acolhida é fundamental e nos aproxima com maior facilidade dos nossos irmãos. A acolhida é como uma porta de entrada. Acolher, portanto, significa abrir a porta e deixar entrar.

Fiquei extremamente emocionado com esta acolhida. Fomos recebidos com alegria e entusiasmo. Pessoas de várias comunidades traziam consigo cartazes, desejando boas vindas aos missionários. A alegria era tanta que alguém estourou rojões para comemorar e festejar nossa chegada. Nessa hora, o coração começou a bater mais forte. O povo de União Bandeirantes nos ensinou o dom da acolhida. Cheguei a comentar que esse povo é um povo apaixonante. Não demorou muito e já comecei a me sentir em casa.

Visitas às famílias

Outro momento forte, no qual aprendemos um pouco mais sobre a acolhida foi durante a visita às famílias. Praticamente todas elas abriram as portas de suas casas e de seus corações. Em algumas casas a visita era breve, porém em outras, a visita chegava a durar de uma a duas horas. Algumas famílias confiaram em nós, mesmo sem nos conhecer e partilhavam sobre sua história e suas vidas. Nesse momento nossos lábios permaneciam mais tempo fechados e nossos ouvidos e corações abertos. Muito mais do que apenas levar a Palavra de Deus, nós tínhamos a missão de ouvir e mostrar como Nosso Senhor se faz presente na vida e na história de cada pessoa. Fomos enviados em missão, a fim de tornar Nosso Senhor mais conhecido e amado. No entanto, muitas vezes acabávamos encontrando Nosso Senhor que estava a nos esperar na vida e na história dessas famílias.

O curioso é que grande parte da população de União Bandeirante é evangélica e, no entanto, as famílias evangélicas nos receberam muito bem. Encontramos pouquíssimas resistências. A partir da acolhida dessas famílias, comecei a me questionar



Luiz Eduardo (de camisa preta) com colegas

e refletir sobre como nós católicos acolhemos e tratamos nossos irmãos e irmãs de outras religiões. Posso dizer que foi o suficiente para que eu mudasse de uma vez minha mentalidade frente a essa realidade.

Esta experiência missionária foi oportunidade de crescimento e mudança, pois me possibilitou sair do meu “mundinho”, abandonar a minha visão precária e reduzida e contemplar um horizonte mais amplo do que é ser Igreja e Povo de Deus.

Jamais imaginei receber tanto carinho de um povo que nem sequer eu conhecia. Mas vejo como foi riquíssimo o encontro com Nosso Senhor nos irmãos e irmãs desconhecidos. Foi como encontrar Nosso Senhor pela primeira vez e nesse encontro, me apaixonar por Aquele que me encontrou e me amou por primeiro.

Reavivamento da vocação

A experiência missionária foi para mim um reavivamento da vocação, porque pude perceber que, mesmo com meus defeitos e limitações, Deus fez de mim um sinal e instrumento de esperança na vida daquele povo.

A despedida foi regada por lágrimas, mas foram lágrimas de alegria, de gratidão. Quando partimos, senti uma dor semelhante àquela que senti quando saí de casa para ingressar no seminário.

Agradeço muito a Deus por esse grande presente de férias que Ele, por seu Imenso Amor, me concedeu. Agradeço às famílias que nos acolheram em suas casas e fizeram do seu lar o nosso lar, da sua família a nossa família. Agradeço aos irmãos missionários que estiveram ao meu lado nesta experiência me auxiliando e me suportando (sendo suporte) nesta grande aventura de Amor e Esperança. Agradeço a Dom Esmeraldo por seu grande amor pelos missionários e pela missão, e por seu exemplo de Pastor e ser humano. Que o Bom Deus abençoe a todos nós e nos dê coragem para dizer o nosso SIM generoso para a Missão”.